Manuel Pereira Rabelo, autor de *A Vida do Doutor Gregório de Mattos*: um fantasma da literatura brasileira

Silvia La Regina
UFBA

[Este artigo foi publicado como: Silvia LA REGINA. Manuel Pereira Rabelo, autor de *A vida do Doutor Gregório de Mattos*: um fantasma da literatura brasileira. *Estudos Linguisticos e Literários* 33-34, jan-dez 2006. p.169-198]

Resumo
Este trabalho, síntese da minha tese de doutorado, procura situar histórica e exegeticamente a *Vida do Doutor Gregório de Mattos e Guerra*, escrita por Manuel Pereira Rabelo em meados do século XVIII. Discutem-se questões ligadas à edição crítica dos textos modernos manuscritos e a função do copista; ressalta-se a importância de preservar os diferentes ramos da tradição manuscrita. Tenta-se evidenciar a extrema fluidez da circulação dos textos literários da época, com referências à teoria da movência de Paul Zumthor e Celso Cunha.

Abstract
This paper is an abstract of my doctoral thesis; it tries to take place from the historical and philological point of view the *Vida do Doutor Gregório de Mattos e Guerra*, written by Manoel Pereira Rabelo in the mid-XVIII century. It discusses questions connected to the critical edition of modern manuscripts and the copyist's function; it stresses the importance of preserving the different branches of the manuscript tradition, given the extreme fluidiy of the circulation of literary texts in that age, here referring to Zumthor's and Cunha's *mouvance*.

1 O autor

1.1 A *Vida* de Rabelo

[171] Até pouco tempo atrás, todas as informações sobre a vida e a obra de Gregório de Mattos baseavam-se na *Vida do doutor Gregório de Mattos Guerra*, escrita em meados do século XVIII por Manuel Pereira Rabelo. Este era o único documento, ainda que não fidedigno, sobre a biografia do poeta, e estava disponível em algumas versões, com variantes aparentemente não muito significativas, em vários códices manuscritos de poemas atribuídos a Gregório. Sobre os dados fornecidos pela *Vida* os estudiosos construíram suas interpretações, favoráveis ou hostis, escandalizadas ou admiradas, da vida e juntamente da obra do poeta – frequentemente enxergada, à moda romântica, como reflexo e expressão da própria vida – por vezes deixando de lado as anedotas mais inverossímeis.
A *Vida* era, porém, uma pequena obra apologética, construída segundo precisos cânones retóricos e profundamente perpassada pela alegoria; posturas e acontecimentos relatados por Rabelo, na maioria dos casos, hoje são apontados como *topoi* literários (vide HANSEN, 1989, 23 e *passim*). Assim, uma biografia romanceada que resumia virtudes, vícios, intenções e retórica de uma época numa perspectiva ainda rigidamente barroca de oposições retoricamente dualísticas, foi lida como vida real.
A partir de 1841, quando Januário da Cunha Barbosa, responsável em 1831 pela primeira publicação de poemas atribuídos a Gregório (BARBOSA, 1829/31, II, p.53-61), publicou também alguns excertos da *Vida* de Rabelo (BARBOSA, 1841, p.333-337), cada crítico e pesquisador que tenha trabalhado com a obra de Gregório teve que se confrontar com a imagem fantástica, o *exemplum*, o rótulo que carregava o nome de Gregório na *Vida*, esquecendo assim de considerar quando a obra fora escrita e em qual perspectiva. E como numa avalanche, enquanto a reputação da *Vida*, considerada fidedigna por ser relativamente próxima da época de Gregório, crescia cada vez mais, a figura do poeta como nela retratado ganhava traços e cores cada vez mais reais, que pareciam imprescindíveis para [172] quem quisesse dar uma interpretação adequada da obra, cujo estudo acabava assim sendo

também condicionado e deformado. A obra era lida como fonte e confirmação de notícias biográficas, num processo perverso de "*autoschediasmi*" (vide STEGAGNO PICCHIO, 1980, p.44-45) pelo qual a vida era reinventada à luz da obra e a obra era lida à luz da vida (vide p.ex. LIMA, 1942 e TEIXEIRA, 1977).
Na atualidade esta situação pode ser considerada como resolvida, tanto no que diz respeito à biografia do poeta (PERES, 1983; CALMON, 1983), como, sobretudo, no que concerne ao estudo da obra que lhe é atribuída, ainda que esta careça até hoje de uma edição crítica. O poeta Gregório goza, não só na Bahia, como em todo o Brasil, de uma fortuna que mais uma vez chega a extrapolar o aspecto propriamente literário, e faz dele, a depender dos casos, um precursor de quase todos os fenômenos e movimentos, incluindo o tropicalismo (nisso fantasiando o escritor de *pré-caetano*).
A conseqüência desta reavaliação tão positiva da obra atribuída a Gregório de Mattos foi, ao invés, negativa para a biografia escrita por Rabelo: perdida a tão equivocada função documental, a obra foi completamente esquecida. A *Vida* de Rabelo é uma obra literária, um documento autônomo de um estilo e de uma época, e como tal merece ser avaliado e estudado.

1.2 Os documentos

Hoje em dia sabe-se muito sobre Gregório de Mattos: ao todo, existem 28 documentos históricos sobre a vida do poeta (PERES, 1983), e numerosos códices nos trazem a obra poética a ele atribuída, que conheceu o que Barbara Spaggiari escreveu a respeito do Camões lírico: "um processo incessante de dilatação" (SPAGGIARI, 1992, p.27). O *corpus* de Gregório de Mattos encontra-se espalhado em numerosos códices, todos apógrafos: são conhecidos 25 códices apógrafos setecentistas em 39 volumes, normalmente de grande extensão, além de duas cópias em três volumes realizadas no século XIX e uma cópia de 1946. Destes 25 códices, 11 estão guardados no Brasil, 12 em Portugal e 2 em Washington; além disso, poemas atribuídos a Gregório aparecem em 44 códices do tipo *cancioneiro* (cf. LA REGINA, 2000, p. 33-53; PERES, 1971, p. 105-114; MANFIO, 2000, p. 35-44; TOPA, 2001).
Nada se sabe, porém, a respeito do biógrafo do poeta. É de fato singular a sorte de Rabelo, porque sua obra ajudou a garantir ao poeta uma fama que talvez a ausência de informações biográficas (ainda que fantasiosas) deixasse esvair no grupo sem nome e rosto dos autores a ele contemporâneos; mas Rabelo para nós constitui um mistério, e é curioso como ele (no título de algumas versões da biografia definido como *licenciado*) seja lembrado só em relação ao seu biografado, e nunca como autor em si, até mesmo nas histórias literárias[1].

2 O texto e os códices

2.1 Relação dos códices

[173] É evidente que a *Vida* de Rabelo hoje não pode mais ser pacífica e ingenuamente aceita como biografia verídica, mas deve ser enquadrada em seu contexto histórico-literário específico. Para tanto, a primeira tarefa é a de analisar os códices gregorianos que contêm a obra. Além do mais, a própria *Vida* poder ser de grande auxílio no que diz respeito não só à datação dos códices gregorianos como um todo, como também, e principalmente, ao estabelecimento das relações entre os códices, ou seja, propriamente, a um provisório *stemma codicum*.
Até o presente momento, são conhecidos oito diferentes códices manuscritos que transcrevem a *Vida*, sempre anteposta às obras atribuídas a Gregório de Mattos. Destes códices, sete são do século XVIII e um do século XIX (o BNRJ 50,57).

---

[1] Para uma exposição detalhada relativa à pesquisa sobre a identidade, a nacionalidade e a corporeidade (existiu ou não?) de Rabelo, remeto à minha tese de doutorado, defendida em 2003 no ILUFBA. Ressalto, de qualquer forma, como não se tenha informação alguma sobre Rabelo, do qual sequer se sabe se foi português ou brasileiro. *En passant*, cito Adriano ESPÍNOLA, autor de um fantasioso trabalho cujas premissas, hipóteses e conclusões devem ser rejeitadas *in toto* (ESPÍNOLA, 2000). Ainda assim, Espínola encontrou dois importantes códices na Torre do Tombo, em Lisboa.

Estes são os volumes dos códices nos quais se encontra a *Vida* de Rabelo[2]:

- **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro 50,56** (*Vida, e morte do Doutor Gregorio de Mattos Guerra)* 57 páginas.
- **BNRJ50,57** (*Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra)*. 42 páginas.
- **BNRJ50,59** (*Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra*). 79 páginas.
- **Biblioteca da UFRJ Asensio-Cunha1** (*Vida do excelente poeta lirico, o doutor Gregorio de Matos Guerra)*. 77 páginas.
- **Biblioteca do Itamaraty L 15-2a** (*Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho*). 141 páginas.
- **Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora 303 (Manizola)** *(Vida do Excellente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra)* 44 folhas = 87 páginas.
- **Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora 587 (Manizola)** (*Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita Pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo)*. 58 páginas**.**
- **MC (***Vida Do Doutor Gregorio de Mattos Guerra*) (este códice é inédito e conservado numa biblioteca particular em Salvador). 62 páginas.

[174] Duas destas versões da *Vida* nunca foram estudadas, nem ao menos relatadas antes de hoje: a do códice MC, completamente inédito, e a do códice 303 de Évora; esta última não foi citada por nenhum dos estudos consultados, apesar de o códice já ser conhecido e estar relacionado entre os gregorianos.

2.2 Datação

A presença da *Vida* ajuda a datar os códices gregorianos, porque o *terminus post quem* da obra é, na minha avaliação, 1717, data de composição de um manuscrito que contém poemas do autor português Tomás Pinto Brandão (1664-1743)[3]; isto porque Rabelo cita um trecho da *Vida e Morte de Tomás Pinto Brandão, escrita por ele mesmo semivivo*, no qual o poeta se refere à sua viagem rumo ao Brasil em companhia de Gregório:

> [...] affirmarêy que o Doutor Gregorio de Mattos cahîo da graça do Soberano a persuaçaõ de algum prejudicado em suas satyras, sem que atrevida, ou temerozamente recuzace mercêz. Thomas Pinto Brandaõ em hum resumo, que fas da sua mesma vida dîz, que viéra ao Brazil na companhia delle, que se retirava descontente de lhe negarem aquillo mesmo, com que rogavaõ a outroz, e isto por ser Poeta, e Jurista famozo.
>
> Procurei hirme chegando
> a hum Bacharel mazombo,
> que estava para a Bahia
> [175] despachado, e desgostozo.
> De lhe naõ darem aquillo,
> com que rogavaõ a outros,
> pello crime de Poêta,
> sobre Jurista famozo.
> Daqui infiro, que invejas de huã, e indignaçoens de outra prenda occasionaraõ, que o Doutor **/XVI/** Gregorio de Mattos se retirasse desgostozo para a Patria daquellas injustiças que de ordinario padecem na Corte os benemeritos. E com elle mezmo provarei o que digo, que hê Autor sem suspeita, escrevendo humas decimas, a D.Joaõ de Alencastre (Códice MC. p. XV).

A citação de Rabelo não alcança o nome de Gregório, que consta no trecho de Pinto Brandão, assim como o ano do *despacho*; de qualquer forma no volume de Palma-Ferreira, que se baseia na edição da *Vida e Morte* ... impressa em 1779, o texto apresenta algumas leves diferenças:

---

[2] Um quadro de resumo dos códices gregorianos, que explicita as siglas aqui utilizadas, encontra-se no Apêndice 1.

[3] Sobre este autor, cuja obra mais conhecida é o *Pinto Renascido* cf. PALMA-FERREIRA, 1976. Palma-Ferreira, porém, não consultou os manuscritos de Pinto Brandão, que não relaciona, mas somente as edições impressas. Sobre Pinto Brandão, ver também PERES, 1971b. Como é sabido, Pinto Brandão aparece como personagem no *Memorial do Convento*, de José Saramago (*passim*).

Busquei a sociedade
De um tal bacharel Mazombo,
Que estava para a Baía
Despachado e desgostoso
De lhe não darem aquilo
Com que rogavam a outros,
Pelo crime de Poeta,
Sobre jurista famoso.
Era Gregório de matos,
Que também lhe foi forçoso
Fugir do Norte às correntes
E buscar do Sul os Golfos.
Seriam mil e seiscentos
E oitenta e hum, quando fomos
Desta Barra do Bugio
Buscar aquela dos monos (BRANDÃO, p.29).[4]

Consultei o códice manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa BNL8589, constatando outras diferenças, umas das quais notável:

/337/ [...]
Procurei logo achegarme
A hû Baxarel Mazombo,
Que estava para a Bahia
Despachado, e desgostozo,
De lhe naô darem aquilo
Com que rogavam a outros
Por ser galante Poeta
Sobre Jurista famoso.
Era Gregorio de Mattos
Que tambem lhe foi forsozo
Fugir do Norte ás correntes,
E buscar do Sul os Golfos.
Seriam mil e seis centos
E oitenta e hum, quando fomos
Desta Barra dos Bugios
/338/ Buscar aquela dos Monos.

[4] Sobre a Vida e morte... de Pinto Brandão, ver também PERES, 1982; Peres cita um longo trecho do poema de Pinto Brandão, incluindo aquele aqui reproduzido, de um códice da Biblioteca Pública Municipal do Porto, o n.41 F.A.

Aqui pela primeira vez não se fala em "crime" e sim de um "galante Poeta".
Este manuscrito é de 1776, copiado, porém, de um manuscrito de 1717; nas duas folhas de rosto se lê: "Obras poéticas / Das que deixou manuscriptas / Thomaz Pinto Brandão /Divididas em quatro tomos / [...] 1º tomo [...] / por Antonio Correia Vianna / Lisboa 1776" e "Verdades Pobres / Ditas em / Portugal, e nos Algarves, daquem, e dalem, / America, Africa, e Ethiopia A / 1ª parte / offerecida / a Magestade de El Rey / Dom Joaõ – o 5º / Novo Senhor / / Descriptas pelo mto pobre, e mto verdadeiro / Thomaz Pinto Brandão / Lisboa Occidental, Anno de 1717".
[176] Evidentemente, Rabelo deve ter tido acesso a algum manuscrito da *Vida e Morte*... de Pinto Brandão, cuja publicação só ocorreu em 1781, numa miscelânea (descrita por Inocêncio em seu dicionário) intitulada *Miscelânea Curiosa e proveitosa ou compilação tirada das melhores obras das nações estrangeiras: traduzida e ordenada por C.I.*, publicação em sete tomos feita entre 1779 e 1785 pela Tipografia Rollandiana[5]; isto considerando que um dos códices de Évora, o BPE587, tem a data de 1765 e o MC de 1775. Voltaremos a Pinto Brandão mais adiante.

Outra data importante, mas que não aparece em todos os códices, é 1740:

> Naõ poderá negar-me a razam que choro, quem sabe, q*ue* no anno de 1740 **/XLV/** mandou o Provincial de S.Francizco conduzir do Porto huma chusma de pobretoenz em desprezo dos pacientissimos Naturaes da Terra, para adorno da Sua Religiaõ, e nunca o Demonio acertou com esta deztreza para combater o animo de Job. (*MC*, p.XLIV-XLV).

A este respeito, há duas versões distintas entre as variantes da *Vida*: os códices MC, 50,57, AC1, Évora 303 citam a data de 1740. 50,56, 50,59, L 15-2A e Évora 587, não.
Pode se supor que estes códices que não citam a data sejam mais antigos, o que pode ser deduzido também pelo estudo da letra dos vários copistas (se

[5] Inocêncio relata a publicação no VI volume do seu *Dicionário*, na p.254. A *Vida e Morte* foi publicada no III volume da *Miscelânea*, nas págs. 240-278. Encontrei ambas as informações *apud* Palma-Ferreira, 1976, p.8. Pedro Calmon também cita a Miscelânea: 1983, p.54-57.

bem que o códice BPE587 tem a data de 1765). Isto significaria então que houve de fato alterações sucessivas à redação de Rabelo, como pode ser confirmado pelo título da biografia contida em L 15-2a: *Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho*.
Há, também, uma outra diferença entre as diversas versões, e que divide os códices em dois blocos distintos, em duas linhas de tradição:

1. a tradição pela qual Gregório nasceu em 1633 (50,56, 50,59, AC1, L 15-2A, Évora 303, Évora 587);
2. a tradição pela qual Gregório nasceu em 1623 (MC e 50,57), que na verdade se resume a uma versão isolada, considerando que o códice 50,57 é um *codex descriptus* de MC.

Deve ser observado, porém, que todos os códices escrevem, com leves diferenças, que “Morreu finalmente no anno de 1696 com idade de 73 annos”, o que estaria correto caso a data de nascimento tivesse realmente sido a de 1623; independente disso ser ou não verdade do ponto de vista histórico, é interessante [177] a disparidade entre a data de nascimento indicada – 1633 – e a idade que Gregório deveria ter quando morreu, que, tendo nascido em 1633, deveria ser de 63 anos, e não 73. Considerando que MC é o mais novo dos códices datados, mas que ainda assim pode ser cópia de uma versão mais antiga e eventualmente fidedigna da *Vida*, podemos dar duas explicações:

a) Constavam realmente no texto as datas de 1633, 1696 e 73 anos; só o copista de MC se deu conta de que, se Gregório estava com 73 anos em 1696, deveria ter nascido em 1623, e reajustou a data de nascimento;
b) No texto constavam as datas de 1623, 1696 e 73 anos; os outros copistas, ou aquele de quem derivam as demais versões, sabendo que Gregório teria nascido em 1633, reajustou esta data, esquecendo-se, porém, de corrigir a da idade que Gregório teria tido quando morreu.

Na verdade, o que importa é verificar como realmente existam duas linhas principais de tradição, ainda que cada versão tenha suas pequenas marcas individuais.

Também, só MC e BNRJ50,57 reportam a notícia da publicação das sentenças de Gregório na obra de Pegas, publicação que de fato aconteceu em 1682 (cf. PERES, 1983, p.63 e 72).
Igualmente, nem MC nem BNRJ50,57 dão notícias relativas aos irmãos de Gregório, enquanto os outros códices dão.
Veja-se então o esquema abaixo:

Códice	**Data**	**Título da biografia**	**num págs**	**nascimento Gregório**
Évora 303		Vida do Excellente poeta lyrico o Doutor Gregorio de Mattos Guerra	44 fl = 87 p	20.12.1633
Rio 50,56	>1717	Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra. Escrita pelo Lecenciado Manoel Pereyra Rabello	57 p	20.12.1633
Rio 50,59	>1717	Vida do grande poeta americano Gregorio de Mattos e Guerra	79 p	20.12.1633
L 15-2a	>1717	Vida, e morte do Doutor Gregório de Matos Guerra Escripta Pello Lecenciado M.el Pereyra Rabelo E mais apurada depois por outro Engenho	141 p	20.12.1633
AC1	>1743	Vida do excelente poeta lirico, o doutor Gregorio de Matos Guerra	77 p	20.12.1633
Évora 587	1765	Vida, e morte do Doutor Gregorio de Matos Guerra Escrita Pelo Lecenciado Manoel Pereira Rabelo	58 p	20.12.1633
MC	1775	Vida Do Doutor Gregorio de Mattos Guerra	62 p	7.4.1623
Rio 50,57	>1850	Vida do doutor Gregorio de Mattos Guerra	42 p	7.4.1623

Enfim, dadas todas as considerações feitas acima, e devido ao fato de o códice 587 de Évora ter a data de 1765, podemos situar a composição da *Vida* de Rabelo entre 1717 e 1765.

2.3 Observações sobre os códices

[178] Com relação aos códices gregorianos, deve ser feita a observação de que, evidentemente, a presença ou a ausência da *Vida* de Rabelo é de grande importância para ajudar a estabelecer uma datação quanto mais exata possível do manuscrito apógrafo que a contém. Um códice que contenha a *Vida*, pelas observações feitas acima, não pode ser anterior ao ano de 1717, e a rigor deveria ser posterior ao ano de 1740, citado no texto (só que, como vimos, não por todos os testemunhos). Em geral, a presença da *Vida*

caracteriza um códice mais bem cuidado do que os demais, com grafia muito clara, escrito com a aparente intenção de ser completo – uma espécie de *Opera Omnia* do poeta.

Sabemos que as coletâneas de poemas gregorianos possivelmente completas, ou visando ser, eram em quatro volumes; esta é uma observação de Ferdinand Wolf (1955, p.37) que o estudo dos testemunhos que foram preservados torna plausível. Dispomos de três exemplos destas coletâneas:

- O códice **L 15-2** da Biblioteca do Itamaraty. São quatro volumes que incluem a *Vida* de Rabelo e o texto poético numa grafia clara e correta, e a matéria dividida por gêneros de forma ordenada. Varnhagen usou este códice para o seu *Florilégio* e Afrânio Peixoto consultou-o para a edição ABL.
- O códice **AC**, transcrito por James Amado em sua edição. O manuscrito tem uma divisão em gêneros menos rigorosa do que o anterior; ele também começa com a *Vida* de Rabelo.
- O grupo formado por **MC**, **BNRJ50,61**, **TT-NVII/10** e **TT-NVII/11**. Como nos códices citados acima, neste também – cujos volumes, espalhados aquém e além do Atlântico, têm a característica de serem os únicos copiados na Bahia que tenham chegado até nós – a *Vida* antecede o texto poético. Este códice tem a data de 1775.

Disto pode-se concluir que:

1. todas as coletâneas em quatro volumes que conhecemos foram compiladas após 1740 (nas três versões da *Vida* é citada a data, que em **AC** consta como 1743);
2. a iniciativa de juntar os poemas de Gregório pode realmente ter sido de Rabelo, como acredita James Amado (mesmo que nada nos indique que o códice **AC** realmente tenha sido redigido materialmente por Rabelo: AMADO, 1991, I, p.1279), considerando que todas estas coletâneas iniciam com a *Vida* e que nela em geral o autor se refere ao texto que ele organizou;
3. a disposição da matéria não é a mesma nos três códices, o que tornaria plausível uma ou mais intervenções sucessivas à primeira organização dos [179] textos. Estas intervenções devem ter acontecido num lapso de tempo relativamente curto, entre 1740 e 1775, data na qual foi redigido o grupo que começa com **MC**. De toda forma há grandes semelhanças entre a organização de **BNRJ50,61** e **L 15-2**, mas há divergências no texto da *Vida*, o que torna difícil acreditar que ambos sejam *codices descripti*, cópias sem variantes do mesmo códice. A principal diferença entre estas três coletâneas é a colocação da lírica sacra, que em **L 15-2** e no Asencio-Cunha está no primeiro volume, enquanto no grupo **MC-BNRJ50,61** encontra-se neste último, que é o segundo volume da coletânea (vai portanto ser fundamental conhecer os dois volumes da Torre do Tombo). De qualquer forma devemos lembrar o título que aparece na folha de rosto do códice **L 15-2**: "[...] depois apurada melhor por outro curiozo Engenho".

Além disso, temos que levar em conta os demais códices setecentistas em mais de um volume nos quais aparece a *Vida*:

BNRJ50,56 e **BNRJ50,57A**
BNRJ50,59 e **BNRJ50,59A**

No caso destes códices, não temos nenhuma indicação quanto à presença de outros volumes; eles teriam também feito parte de coletâneas em quatro volumes? Ainda assim, há indícios: ambos, por exemplo, começam com a lírica sacra; porém, os poemas neles presentes e sua ordenação divergem, o que deixa plausível alguma contaminação.

Além do mais, na versão da *Vida* redigida pouco antes de **MC**, no códice de Évora (**BPE587**), na página 59 do códice lê-se "Obras Deste Primeiro tomo Sacras Do Doutor Gregorio de Mattos e Guerra a varios assumptos em que louva a Deos, e a seus santos, como se verá. Anno de 1765". Novamente aqui a *Vida* antecede a lírica religiosa, e novamente há a referência a uma coletânea em vários volumes.

2.4 Edições da *Vida*

Assim como a obra do poeta por ela biografado, a *Vida* também correu manuscrita durante muitos anos antes de conhecer a primeira publicação, ainda que muito parcial, em 1841, graças ao citado Januário Barbosa. A edição completa do texto só veio acontecer em 1881, na edição de Alfredo Valle Cabral, e hoje a *Vida* encontra-se publicada em 6 versões:

- *Vida do dr. Gregório de Matos Guerra*. Ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1881. 37 páginas [BNRJ 50,57];
- Vida do Dr.Gregório de Mattos Guerra, in Matos, 1882, p.3-37 (reedição da anterior) [BNRJ 50,57]
- Vida e morte do Doutor Gregório de Mattos Guerra, escrita pelo Licenceado Manuel Pereira Rabelo, e mais apurada depois por outro [180] engenho in Matos, 1923-1933, I, 1929, p.39-90 [BI L 15-2a]
- Vida do Grande Poeta Americano Gregório de Mattos Guerra , *ibidem*, VI, 1933, p.59-95 [BNRJ 50,59]
- Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra, in Matos, 1968, VII, p. 1689-1721, e novamente na segunda edição, Matos, 1990, II, 1251-1270 [AC1]
- Vida do Doutor Gregório de Mattos Guerra Escrita pelo Licenciado Manoel Pereira Rabello. Publicada por ESPÍNOLA, 2000. p.349-379. [BNRJ50,56]

Excetuando-se as duas primeiras, nas quais o texto é idêntico, cada uma destas versões corresponde a um diferente códice manuscrito: a saber, três da Biblioteca Nacional do Rio, um da Biblioteca do Itamaraty e um dos que pertenciam a Celso Cunha e agora estão conservados – pouco cuidadosamente, já que um volume foi extraviado há alguns anos – na Biblioteca da UFRJ.

3 A obra

3.1 Dados, fatos

O simples fato de a *Vida* aparecer em sete diferentes códices setecentistas testemunha uma mais do que razoável difusão da obra, que, como escreveu José Veríssimo, foi a única do gênero dedicada a um autor colonial:

> Unico entre os poetas coloniais, coube a Gregório de Matos a fortuna de ter um biografo, ainda quase seu contemporaneo. Esta sua biografia, escrita por volta do meado do seculo XVIII, mais de quarenta anos depois dele morto, e o facto das numerosas copias dos seus poemas, provam a fama que havia adquirido e a estima em que era tido (VERISSIMO, 1916, p.88).

Nas páginas manuscritas da *Vida* (de 43 a 141, a depender não só da letra como dos floreios verbais e dos acréscimos), Rabelo esboça um retrato de Gregório que com certeza é grande devedor dos cânones retóricos e dos *topoi* da época. O licenciado expõe poucos fatos concretos: o nascimento, a origem dos pais, os estudos em Coimbra, a atividade como Juiz do Crime e Juiz dos Órfãos, a sentença publicada na obra do Pegas, a volta para o Brasil, o cargo de Vigário Geral, o recebimento das ordens menores, o casamento com Maria dos Povos, o desterro para Angola, a volta para o Brasil, em Pernambuco, a morte. No total só quatro datas são citadas, e delas só uma corresponde à cronologia documentada elaborada por Fernando Peres (1983, p.105). Em compensação, aparecem muitos personagens, dos quais numerosos são verificáveis historicamente, como alguns parentes do poeta, o desembargador Belchior da Cunha Brochado, arcebispos, governadores.
[181] Parece claro que Rabelo não conheceu Gregório; veja-se este trecho contido em MC:

> Fiz tirar delle a prezente copia por hum antigo Pintor, que foi seo familiar, e conferindo-a com az memorias que delle tem algumas pessoas antiguas tenho-a por mui conforme a seo original. Naquelle tempo héra pouco versado o vzo das cabeleyras, e elle a trajava: mas pareceo-me copiallo sem ella, porque os homenz de talento devem patentearnos as officinas capitaes, que o produzem, para informaçaõ dos judiciozos (MC, p.lxvi).

Acontece que no volume não há um retrato de Gregório, nem, aparentemente, foram retiradas páginas; poderia evidentemente ser ficção narrativa, ou um *topos*, mas o mais provável é que MC tenha sido copiado de outro códice, que continha o retrato.

3.2 O mito de Gregório

3.2.1 Mitos, não anedotas

De qualquer forma os fatos concretos narrados são poucos, e em geral são narradas anedotas suspensas numa genérica atemporalidade e visando exaltar as mais variadas virtudes do poeta, ao qual porém se reconhecem também certos vícios, ainda que não gravíssimos. Como de praxe nas apologias, o autor declara que ele escreve para defender o poeta das calúnias e do esquecimento no qual ele caiu, pelo qual recrimina contra Rocha Pitta, que poucos anos antes, em 1730, escrevera sua *História da América Portuguesa* sem nunca citar Gregório: "hê em vaõ buscallo em Pitta Autor moderno" (MC, p.lvii): referência, aliás, que não aparece nas demais versões, nem mesmo em BPE303, que tem a data de 1765.

As anedotas presentes no texto são por vezes reelaborações de *topoi* tradicionais, como a falta de dinheiro e consequentemente de pão, a fuga e a volta da mulher, o arrependimento na hora da morte, na base da antítese e dicotomia tão barroca virtude-vício:

> Era o Doutor Gregorio de Mattos acerrimo inimigo de toda a hypocrisia virtude, que se podera, devia moderar, attendendo ao coztume dos prezentes seculos, em que o mais retirado Anacoreta se enfastia da verdade **/XX/** crua. Mas segundo os dictames da sua natural impertinencia habitava os extremos da verdade com excandaloza virtude, como se nunca houveram de acabar-se as singelezas da primeira idade [...] (MC, p.xix-xx).

Retomando a análise aplicada por Luciana Stegagno Picchio em relação à figura, mais do que à obra, de Camões ("Il mito di Camões" - STEGAGNO PICCHIO, 2001), podemos falar em "o mito de Gregório": entendendo, como a estudiosa, *mito* no sentido já cinqüentenário dado por Barthes, mito como palavra e principalmente como "sistema de comunicação, uma mensagem" (BARTHES, 1974, p.201); se no caso de Portugal Camões representa o centro de uma estrutura mítica que [182] sustenta a auto-representação da nação como um todo, e um elemento de irradiação de mitos outros "in un movimento alternativamente centrifugo e centripeto" (STEGAGNO PICCHIO, 2001, p.497), no caso do Gregório de Rabelo podemos individuar uma série de mitos que, além de inserir o texto e suas referências num quadro de tradição, também concorrem a criar uma tradição própria, viva e vital apesar de reduzida ao relativo silêncio da transmissão manuscrita. Neste aspecto o termo *mito* substitui eficazmente o de *topos* porque, se *topos* representa a inserção na tradição, mito por sua vez indica a criação de uma linguagem autônoma, ainda que fruto da tradição: tradição que funda, além de seguir.

3.2.2 Um herói sem saudade

Curiosamente, há a total ausência do mito da saudade, tão importante em Camões e em geral em âmbito lusitano. E de fato este é um mito que, me parece, não pertence ao Brasil.

Já o mito da pobreza, quase atemporal de tão antigo, não só é presente como recorre em vários momentos (p.ex. "Era a Espoza hum pouco impasciente, talvéz pelo pouco pam, que via em casa, e tambem pelo destrahimento de seo Marido", MC, xxxii) e, como freqüentemente acontece, se junta ao da liberalidade excessiva e da falta de cuidado com o dinheiro, pela qual é causado:

> Era o gosto de Gregorio de Mattoz, e naõ se trocava pelos mayores intereces, que nunca o dinheiro foi capáz de lhe apaixonar o animo. Vendeo já necessitado por trez mil cruzadoz huma sorte de terraz, e recebendo em hum saco aquelle dinheiro, o mandou vazar no canto de huma caza, donde se destribuhia para os gastos, sem regra, nem vigilancia (MC, xxv).

Outro mito, cuja origem remonta pelo menos a Ovídio, é o do desterro em terra estrangeira, curiosamente tripartido: o desterro de volta para o Brasil ("despachado e desgostoso", diz Tomás Pinto Brandão, e repete Rabelo); o desterro para Angola (a este respeito, cf. o cap.5); o desterro de volta ao Brasil, para o Recife.

A este último é associado o mito da morte longe da pátria, não totalmente adequado, porque, ainda que Rabelo cite Cipião e seu "Não possidebis ossa mea", Gregório morre no Recife, portanto no Brasil; ainda assim, de qualquer forma, longe da Bahia. "Dizia elle, que com razaõ sobrada podia articular o non possidebiz ossa mea de Scipiam" (MC, xliii).

A este respeito é interessante notar como entre a produção em latim dos membros da Academia Brasílica dos Esquecidos, portanto composta em 1724, apareçam nove poemas dedicados a Cipião, infelizmente sem indicação de autoria, entre os quais "De exule Scipione", "De exílio Scipionis", "Scipio Africanus, inuidiam fugens, exilium petit" e assim por diante.

[183] Enfim, o mito do poeta que morre quase miserável na pátria ingrata, ou afastado da pátria ingrata, que o rejeita: "Porem a Bahia doz muitos habitos de dezprezar seos naturaes, fez natureza para aborrecellos, e perseguillos" (MC, xliii).

3.3 Gregório e Rabelo como metáfora

Rabelo portanto criou uma figura mítica, a de Gregório, que, talvez sem a força de um Peri ou de uma Gabriela, certamente contribui para compor o imaginário nacional. Seria interessante poder estabelecer quanto há, se houver, de "brasileiro" na *Vida* de Rabelo. Considerando que Gregório foi freqüentemente, e por muito tempo, imaginado e retratado como um proto-modelo de nativista anticolonialista, antiescravagista e antiimperialista, e que pelo menos parcialmente a fonte reside em sua biografia (mais ainda nas didascálias que acompanham os poemas), Rabelo seria então responsável por esta ficção que encontra ecos em Sílvio Romero (Gregório foi "o genuíno iniciador de nossa poesia lírica e nossa intuição étnica"- ROMERO, 1953, II, p.423) ou Euclides da Cunha, quando escreveu que em Gregorio se prefiguram "muitos aspectos de um povo" (CUNHA, 1966, II, p.626). Certamente a construção da identidade nacional brasileira passa também por uma re-apropriação da figura de Gregório, tal como nos foi transmitida por Rabelo e nas multíplices leituras feitas em seguida. Ao mesmo tempo, Gregório e seu biógrafo-ficcionista, sua existência literária e talvez física, podem ser lidos eles próprios como metáfora da identidade nacional no passado: dispersa, fantasiosa, mítica, flutuante, incorpórea, indefinida, imaterial.

3.4 O romance de Gregório

Há numerosas anedotas sobre a tão incomum quanto descompromissada habilidade de Gregório como advogado e jurista, e talvez estes sejam os pontos mais originais da biografia, que por sinal trata até mais do jurista que do poeta. Uma explicação poderia ser a censura contra as obras mais irreverentes ou obscenas do poeta; lembremos como "a censura em Portugal foi a mais rigorosa de todas as censuras inquisitoriais" e que "a partir de 1551, Portugal foi o país católico mais estritamente protegido contra a heresia e a imoralidade literária" (RODRIGUES, 1980, p.15 e 27) Lá os livros estavam sujeitos a três censuras: a Episcopal, a da Inquisição e a Régia. A partir de 1624 os livros, para serem impressos, dependiam das autoridades civis, e para circular dependiam da Cúria romana. Esta situação mudou a partir de 1768, quando o marquês de Pombal aboliu as três censuras e instituiu a Real Mesa Censória, que vigorou até 1787. Nota Nelson Werneck Sodré: "[...] se na metrópole feudal essas eram as condições, fácil é calcular quais seriam as que imperavam na colônia escravista [...] (SODRÉ, 1983, p.10)". Voltando à censura da época pombalina, é interessante notar como entre as obras proibidas pelo edital de 10.7.1769 estivessem livros "obscenos", os "infamatórios", os que contivessem "sugestão de que siga perturbação do estado político e civil e [184] desprezando os justos e prudentes dictames dos direitos divinos, natural e das gentes", assim como os que utilizassem os fatos sagrados em sentido diferente do usado pela igreja (MORAES, 1979, p.52-53).
O próprio Rabelo julgou muitos poemas de Gregório como "indignos do prelo":

> Por este Paraizo de deleites estragava a cythara de Apollo suaz harmoniozas consonancias, com assumptos menos dignos de taõ relevante estrondo. Lascivas Mulatas, e torpes negras se ufanizaraõ dos Tropos, e Figuras de tao delicada Poezia. Mas, que muito, **/XXXV/** se quando naufraga o baixel, quaes quer barbaros galeaõ a mais precioza mercadoria. Naõ quero persuadir, que a dezesperaçaõ lhe occazionou dezemvolturas; mas direy, que do genio, que já tinha tirou a mascara para manusear obscenas, e petulantes obras, en tanta quantidade, que das que tenho em meo poder, taõ indignas do prelo,

> como merecedoraz da melhor estimaçaõ se pode conztetuhir hum grande volume. (MC, p.xxxiv-xxxv).

De qualquer forma o Gregório de Rabelo é um personagem que guarda muito pouco da sua substância real, tornando-se ele próprio um *topos*; e neste aspecto podemos até considerar a *Vida* como um pequeno romance biográfico, um entre-lugar biográfico-ficcional talvez menos ingênuo de quanto inicialmente pareça, restituindo-lhe assim a dignidade literária que desde sempre parece ter-lhe sido espoliada.

4 Vidas, textos: Gregório e Pinto Brandão

4.1 Circulação, contaminação: o copista e o autor

O conceito de original é algo imaterial e quase envolto numa áurea mítica e fabulosa; não é por acaso que até um dos mais nordicamente sérios críticos textuais, Paul Maas, mantém a seguinte terminologia quanto à tentativa de reconstrução do original: "se essa [la tradizione] non risulta originale, si deve cercare di restituire l'originale per congettura (*divinatio*)" (MAAS, 1980, p.1). No caso de Rabelo, e principalmente de Gregório, a arte da divinação parece indispensável: a tradição imbricou-se tão indissoluvelmente que, quando muito, é possível unicamente estabelecer algumas famílias de códices, sendo que a própria forma de composição dos manuscritos, por vezes até física (no sentido da justaposição de cadernos/folhetos soltos, como no caso do BNRJ50,60 – cf. DAMASCENO, 1985, p.11), impossibilita a reconstrução de uma genealogia clara e unívoca à moda de Lachmann.
Hereticamente, talvez, gostaria agora de sustentar a argumentação de que esta situação textual caótica possivelmente não seja tão grave. Na minha própria vivência com a obra de Gregório, que data de 1989, a inexistência de uma edição crítica da "obra dita gregoriana", a incerteza quanto à atribuição, a volatilidade e insubstancialidade dos textos chegou a me angustiar em diferentes oportunidades ocasionando-me, inclusive, um pequeno e queixoso artigo sobre a premente [185] necessidade de organizar a edição crítica de Gregório (cf. LA REGINA, 1999). Na atualidade, porém, considero esta uma falsa questão, e continuo acreditando na prática de publicar os vários códices como vozes independentes a compor um coro de saborosa polifonia.
No que diz respeito à *Vida* de Rabelo a questão, por um lado, assume uma feição diferente, por ser um texto em prosa transmitido por escrito, aparentemente sem interferências orais, sem variantes muito significativas e com uma razoável homogeneidade entre os sete manuscritos setecentistas que possuímos; pelo outro, retorna ao mesmo ponto porque, se é verdade que houve uma menor dispersão textual, ao mesmo tempo a própria essência da obra manuscrita – e ainda por cima tardia como a *Vida*, que deve ter começado a circular por volta de 1720 e ainda recebeu retoques e modificações por volta de 1750 – induz a repensar o *status* da edição crítica, sua necessidade de ser e sua justificação neste contexto. Dois fatores e principalmente duas linhas de pensamento me levam a esta afirmação:
1. A problemática ligada a uma nova consideração do papel do copista na transmissão textual manuscrita (cf. CANFORA, 2002, *passim*);
2. A problemática ligada à consideração da questão da autoria como, substancialmente, superada, pelo menos no que diz respeito a textos anteriores à Ilustração.

4.1.1 O copista

Os problemas ligados à transmissão dos textos manuscritos na era moderna são contemporaneamente mais simples e mais complexos dos que aqueles ligados aos textos clássicos e medievais. Mais simples porque, obviamente, não só intercorreu menos tempo entre a redação física do testemunho e o nosso presente, e portanto houve menor perigo ou realidade de danos concretos ao manuscrito – que de uma forma geral resultará mais legível do que um exemplar muito mais antigo – como também, normalmente, menos redações se interpuseram entre o texto efetivamente redigido pelo autor e nós (voltarei a este ponto mais adiante). O trabalho de cópia na antiguidade clássica e medieval era realizado num desconforto e em condições tão adversas e iníquas que é de se admirar que algum texto tenha chegado até

nós[6]. As questões básicas relativas ao ato da cópia, porém, permanecem parecidas mesmo em tempos mais recentes.
Um exemplo relativamente fantasioso, porém límpido e instrutivo, quanto aos problemas gerados pela transmissão textual manuscrita, nos é oferecido pelo filólogo Alphonse Dain:

> [186] Immaginate Plinio il Vecchio dopo un pasto "leggero e semplice al modo antico" e figuratevelo, per lo meno in estate, "approfittare di un po' di pace per stendersi al sole". Accanto a lui c'è uno schiavo che gli legge qualche dotto autore greco; dopo ogni brano, Plinio si volta verso un altro schiavo [...] e gli detta in latino la trascrizione e l'adattamento del testo che gli è stato appena letto. Il passaggio dal greco al latino per via orale, senza che sia stata vista la parola tecnica nella forma scritta, spiega più di una cantonata presa dall'autore della *Storia naturale* (DAIN, 1985, p.130).

Naturalmente, este é um caso limite, e não se aplica ao caso do texto de Rabelo – que evidentemente foi copiado – e talvez nem ao dos poemas de Gregório, se bem que em alguns casos alguns erros possam nos sugerir que certos poemas foram ditados ou pelo menos transcritos a partir de uma versão oral.

Problemas mais complexos, dizia-se acima, porque

> Dada la peculiaridad de la creación poética de aquel tiempo [siglos XVI y XVII], la copia podía efectuarse en circunstancias y con medios muy variados y, en general, llevada a cabo por copistas no profisionales. [...] Las copias están hechas no tanto para conservar un texto como para gozar de él, usarlo, leerlo. Al no tratarse siempre de amanuenses profesionales, el copista ocasional puede prestar poca atención al modelo, o, al contrario, demasiada atención [...] (BLECUA, 1983, p.207).

[6] A este respeito cf. Dain in Stussi, 1985. É especialmente vívida a imagem do gramático Donato com a tábua que substitui uma escrivaninha (que só passará a ser usada em tempos modernos) apoiada nas pernas, o texto a ser copiado na mão esquerda, o *calamo* na mão direita, a testa franzida pelo esforço não só intelectual como físico (p.132).

Enfim, o respeito para com o texto, já muitas vezes aproximado em tempos mais antigos, nos séculos mais recentes, e dependendo do gênero tratado, pode ser especialmente reduzido. De fato, não havia nos séculos XVII e XVIII – pelo menos até a chegada da Ilustração – nenhum cuidado especial devotado aos textos literários manuscritos que, logo que compostos, eram imediatamente incorporados a uma espécie de patrimônio comum (BLECUA, 1983, p.210), cabedal de uma sociedade que os considerava como próprios e, portanto, não intangíveis e sagrados, mas pelo contrário modificáveis e manipuláveis singular e coletivamente.
Deve se prestar atenção aos mecanismos do ato da cópia, relativamente constantes até os dias de hoje, quando se copia algo manualmente (ainda que isto esteja se tornando algo relativamente raro, se até em alguns concursos atualmente a prova dos candidatos é redigida no computador, gerando, a meu ver, alguns problemas de autenticidade). As quatro [187] etapas da redação material de um texto manuscrito são relatadas por Dain, citando por sua vez Desrousseaux: a leitura do modelo; a memorização do texto; o ditado interior; o trabalho da mão (entendendo com este último item determinados erros que por alguma razão tornam-se quase inevitáveis na hora de escrever)[7]. Todas as etapas, distintas ainda que normalmente quase que sincrônicas, são passíveis de erros e alterações, devidos a processos mentais variados, lapsos, hábitos, cansaço. Abordarei, porém, a questão do erro logo em seguida.
Independentemente de sua época, o papel do copista na transmissão textual deve ser observado com mais atenção. Normalmente o copista é o vilão da história: considera-se sua existência unicamente para reclamar com maior ou menor virulência de sua ignorância, sua intromissão, seus erros – é significativo como muita da atividade relativa ao preparo de uma edição crítica passe por uma busca quase policial dos erros do(s) copista(s) – e eventualmente sua excessiva memória, bem como o uso indevido da inteligência. Tenho clara a lembrança do meu professor de filologia românica que, citando um manual (este sim, esquecido), declarava ser o copista inteligente o pior de todos os perigos encontráveis no caminho do

[7] DAIN, in Stussi, p.144-147. Apesar da diferença do meio, posso citar por exemplo minha total incapacidade de digitar corretamente o sufixo adverbial –*mente* sem errar.

filólogo; desde então considero, portanto, um copista obtuso a circunstância mais feliz – o que naturalmente não é verdade[8].

É evidente como, sem os copistas, não haveria textos antigos – excetuando-se unicamente os originais autógrafos – nem, conseqüentemente, filólogos. Portanto o copista, mais do que um mero transmissor de informações parcialmente corretas e versões adulteradas e infiéis dos textos antigos, deve ser considerado como um sujeito ativo e fundamental na tradição textual; um sujeito com voz própria e que, por vezes, tem mais influência sobre determinados trechos do texto do que o mesmo autor. Sem esquecer que é o copista, ou de qualquer forma o diretor do laboratório, do *scriptorium*, quem decide qual texto será copiado, e logo terá mais chances de ser preservado e lido, enfim de sobreviver, e qual não será copiado, e, portanto, possivelmente acabe sendo esquecido, acabe ficando mudo.

O copista é quem escreve materialmente o texto: o autor compôs; o copista escreveu. O copista "è il vero artefice dei testi che sono riusciti a sopravvivere" (CANFORA, 2002, p.15).

O texto "Pierre Menard, autor do *Quixote*" (1939), é um dos mais conhecidos de Borges; sua influência no pensamento brasileiro passa através da instigante, ainda que nesta altura já bem assimilada, leitura/apropriação de Silviano [188] Santiago (2000, p.9-26). Interessa agora a reflexão, ainda que paradoxal, e portanto mais surpreendentemente adequada, de Borges relativamente à questão da cópia. O escritor argentino, que antecipou em suas obras inquietudes e sensibilidade próprias da narrativa e em geral da reflexão pós-moderna, "suggerisce quanto sia tenue la nostra presa su ciò che chiamiamo realtà, e sottopone a parodia la volontà di verità e l'impulso classificatorio con cui diamo un ordine al mondo. [...] Nella sua opera le mescolanze di piani e di strutture si riflettono nella mescolanza di altri livelli testuali" (QUAYSON, 2002-2003, II, p.621-22), como em "Pierre Menard, autor...", híbrido de conto e de ensaio, sem ser nenhum dos dois, que não reverte a ordem das coisas – o que representaria a inserção numa tradição por vezes marginal, mas ainda assim bastante antiga – mas mistura a ordem das coisas, embaralhando real e imaginário, lógico e surreal até induzir no leitor a angustiante sensação de *Unheimlichkeit*, de turbamento, que é produzida por alguns sonhos dos quais não se consegue acordar, ou visões do abismo.

Parece-me central o trecho em que Borges escreve:

> No querias [Menard] componer outro Quijote – lo qual es fácil – sino *el Quijote*. Inútil agregar que no encaró nunca una transcripción mecánica del original, no se proponía copiarlo. Su admirable ambición era producir unas páginas que coincidieran – palabra por palabra y línea por línea – com las de Miguel de Cervantes. [...] El método inicial que imaginó era relativamente sencillo [...] *ser* Miguel de Cervantes (BORGES, 1996, p.55-56).

Assim como a aparentemente absurda, mas, pelo contrário, fruto de uma lógica sutil, observação em que se diz: "A pesar de esos tres obstáculos, el fragmentario Quijote de Menard es más sutil que ee de Cervantes. [...] El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente idénticos, pero el segundo casi infinitamente más rico" (BORGES, 1996, p.60-61).

A conclusão à qual devemos chegar é de que o único verdadeiro leitor é quem copia o texto – como sabe quem já copiou algum manuscrito ou um texto que não podia ser reproduzido – e, ao mesmo tempo, que quem copia o texto acaba [189] tornando-se também autor, ou co-autor daquilo que ele transcreveu (cf. CANFORA, 2002, p.18-19).

No que diz respeito aos textos mais antigos, as intervenções, as interpolações, as dificuldades mecânicas, a fragilidade do meio, a diversidade lingüística – muitos textos gregos foram copiados por copistas quase ignaros do idioma, e outros traduzidos com absoluta liberdade (cf. CANFORA, 2002, p.44) – as diferentes censuras, a casualidade que fez sobreviver um manuscrito e não outro talvez "melhor", a arbitrariedade que levou a considerar melhor um códice ao invés de outro, enchentes, terremotos (cf. p.ex. SCHWARTZ, 2002), incêndios (cf. p.ex. CANFORA, 1986), enfim a viagem de séculos e séculos pelos oceanos inexplorados de bibliotecas e mãos nem sempre zelosas produziram situações em que a obra que possuímos talvez esteja extremamente longínqua daquela que o autor quis escrever, apesar de todos os cuidados de amorosos exegetas. O que temos são as versões dos copistas.

---

[8] Por outro lado, já Gaston Paris, em 1872, propunha a substituição do termo "*scribes*" (copistas) pelo de "*renoveleurs*" (na tradução de Contini, *rimaneggiatori*), evidenciando a liberdade do copista da România, para o qual o texto é "un prodotto adespoto, utile e infinitamente ritoccabile" (CONTINI, 1986, p.72).

4.1.2 Autor, autores

É curioso como, ainda no século XVIII, a uma censura bastante rigorosa e inequivoca e ontologicamente obtusa, e portanto avessa à livre existência e publicação de textos de vária origem, corresponda a mais livre circulação dos textos no sentido de sua migração de um autor, e de um país, para outro. A noção de autoria ainda é algo muito flutuante, extremamente irregular, mutável a depender dos humores e das circunstâncias. Textos são atribuídos a vários autores, de vários países, em vários idiomas. A reconstituição da autoria legítima, ainda que em certos casos específicos devida e necessária, em muitos outros aparenta ser no fundo um exercício estéril levado adiante por um obcecado Sherlock Holmes das letras. Se Calvino escreve de uma enciclopédia aberta (portanto algo etimologicamente contraditório) como "totalità potenziale, congetturale, plurima" (CALVINO, 1994, p.127), podemos pensar numa autoria aberta e multíplice, em que as obras, como as almas dos amantes no V canto do Inferno de Dante, são empurradas por um vento incessante (mas este, diferentemente do de Dante, benévolo), num movimento infinito.

4.2.Tomás Pinto Brandão e a contaminação biográfica

O *Pinto Renascido*, de Pinto Brandão, foi publicado em 1732 e teve várias edições em seguida, entre as quais a de 1753, de especial importância porque contém uma biografia de Tomás Pinto Brandão escrita por um "anônimo" e publicada dez anos após a morte do poeta, a *Vida Sucinta e Abreviada do Autor por Um dos Acadêmicos Aplicados, Seu Contemporâneo* (cf. PERES, 1971b, *passim*; [190] PALMA-FERREIRA, 1976, p.8-9). É de fato uma coincidência notável, a de dois poetas tão afins por inspiração e até por acontecimentos biográficos terem tido também suas biografias escritas por autores ou anônimo, como no caso de Pinto Brandão, ou nomeado e, porém, completamente desconhecido, como no caso de Gregório. Acontecimentos biográficos que os viram juntos, na citada viagem de Portugal até a Bahia – acontecida, segundo Pinto Brandão, em 1681, mas segundo Fernando da Rocha Peres em 1682-83 e segundo Pedro Calmon em 1682 (cf. PERES, 1983, p.77-81; CALMON, 1983, p.50-53) –, ou de qualquer forma atingiram ambos os poetas, como no caso do "degredo" para Angola, onde Pinto Brandão teria estado por alguns anos a partir de 1693 ou 1694 (cf. PERES, 1971b, p.217-18), e para onde Gregório teria seguido também em 1694.

Aliás, não existem documentos que relatem este degredo de Gregório, que nos é atestado unicamente pelo testemunho de Rabelo que cito a seguir do códice MC, sendo que aparece também nos demais:

> **/XL/** [...] Trabalhou o infeliz Gregorio por justificar-se, Lizongeando a hum tempo aquelle Magistrado, cujas entranhas dominava pias; mas D.Joaõ o desenganou intimando-lhe, que por sua conhecida culpa, e necessario remedio havia de imbarcar-se para Angolla em huã Nâo, que promptamente carregava a tropa de cavallos de El Rêy para Banguella. [...] **/XLVII/** D.Joaõ chegada a hora de embarcar o mandou vir a sua prezença e tratando-o com humanidades de Principe lhe pedio que evitasse az occaziõens de sua perdiçaõ ultima; porque hèra lastima, que hum sugeito a quem o Ceo enrequecera de talento para melhor fama, comprasse o seo discredito com o dizcredito irremediavel de tantos. Decorosamente o féz embarcar, naõ se olvidando de recomendallo ao Governador de Angolla Pedro Jaques de Magalhaenz, a quem com accauza daquelle degredo insinuava os perigoz, que em qualquer parte corria sua pessoa. **/XLIII/** Chovendo maldiçoenz, e praguejando satyras peregrinou oz mares aquelle, que por inztantes naufragava nas tempestadez da terra. [...] /**XLVII**/ [...] Chegado ao Reyno de Angolla, miseravel paradeiro de infelizes, a quem com a propriedade costumada chamou armazem de penna, e dor: e exercendo na Cidade de Loanda o Officio de Advogado, aconteceo, que amotinada a Infantaria da Goarniçaõ daquella Praça, e posta em armas fora da Cidade, entrou huma chusma de Soldados pella caza de Gregorio de Mattos forçando-o a que os fosse aconcelhar sobre as capitulaçoenz, que tinhaõ com o Governador seo General; e posto com effeito entre oz amotinados no campo clamou que o levassem à caza, para trazer certa couza, que lhe esquecera, sem a qual naõ podia obrar a mediada de suas satisfaçoens. Entenderaõ os soldados que **/XLVIII/** seria Livro de direito, e naõ duvidaraõ de romper segunda véz o perigo de entrar na Praça; mas aquelle que imaginavaõ instrumento de solido concelho, outra couza naõ hera mais, que a sonora cabaça do Poeta, do que se infere o como chasqueava este Democrito das alteraçoeñz da fortuna. Muito pago ficou o Governador desta galantaria geralmente celebrada. Servio-se

> delle para Adjunto na condemnaçaõ dos cabeças daquelle motim, que foraõ arcabuzeados pelos ouvidos; e desempenhando a recomendaçaõ de D.Joaõ de Alencaztre deo lhe Liberdade para embarcarse a Pernambuco (MC, xl – xlviii).

[191] Segundo Rabelo, pois, o então governador D. João de Alencastro era grande apreciador dos poemas de Gregório – ele teria sido "secreto eztimador das valentias desta Musa, que a toda a deligência lhe enthesourava as obras desparcidas, **/XXXVII/** fazendo as copiar por elegantes letras" (MC, xxxvi-xxxvii) – e por isso, tendo desembarcado o filho de algum personagem ferozmente satirizado por Gregório, e que teria jurado se vingar dele, para proteger o poeta Alencastro teria resolvido mandar prender Gregório e despachá-lo para Angola. Faltam, como disse acima, documentos sobre este curtíssimo degredo de Gregório – que em 1695 teria morrido em Pernambuco, segundo a cronologia elaborada por Peres (1983, p.96-98) – e que conseqüentemente teria estado em Angola juntamente com Pinto Brandão, o qual não menciona o fato em sua *Vida e Morte*. Com relação à cronologia, é de se lembrar que, em época de ventos favoráveis, a viagem da Bahia para Luanda demorava no mínimo 40 dias, e de Luanda para Recife um mínimo de 35 dias; sem contar que evidentemente, apesar de um razoável tráfico comercial[9] entre Brasil e Angola (e da necessidade de os navios portugueses para Angola fazerem escala no Brasil), não devia haver extrema freqüência de transporte entre as duas colônias portuguesas (cf. ALENCASTRO, 2000, p.249).
Todos os estudiosos que têm lidado com a biografia de Gregório aceitaram como verdadeira, sem questioná-la, a viagem, ou melhor, o desterro, de Gregório para Angola (p.ex. VARNHAGEN, 1987, I, p.97; CABRAL, 1982, p. XLIII; VERÌSSIMO, 1981, p.77; SPINA, 1995, p.22); de fato, pelo contrário, acredito possível que Gregório na verdade nunca tenha sequer pisado em Angola, e que tenha sido transferida para a sua biografia a viagem que na realidade foi de Pinto Brandão. Assim, os poemas sobre Angola seriam da autoria de Pinto Brandão – já que não resta dúvida de que há uma grande confusão com relação ao que é de autoria de Gregório e o que é do poeta português dentro do *corpus* gregoriano: como exemplo melhor, resta o poema *Sátira ao Governo de Portugal, por Gregório de Matos, ressuscitado em Pernambuco no ano de 1713* – que começa com "Um Reino de tal valor", e tem o mote "Este é o bom governo de Portugal" (cf. BRANDÃO, 1976, p.155-70; JA II, p.1232-45). Os poemas relativos a Angola na maioria das vezes só têm referência geográfica explícita na didascália, como é o caso de "Hoje à força meu fado" (MATOS, 1991, p.1179), "Passar la vida, sin sentir que passa" (JA, 1180) e "Nesta turbulenta terra" (p.1183); este último, porém, contém referências à "etiópica gente" no corpo do texto (v.34)[10]. [192] Angola é citada expressamente num único poema, "Angola é terra de pretos" (JA, 1181)[11], sobre o qual escreveu Peres (1968, p.25-38); de fato, o poema é rico em detalhes sobre os acontecimentos que causaram aqueles que Luiz Felipe de Alencastro (2000, p.314 ss) chama de "Os tumultos dos jeribiteiros", ou seja dos que bebiam cachaça, ou jeribita[12]. Como afirma Peres, "o poeta ao contar os fatos aproxima-se da verdade histórica de uma maneira surpreendente" (PERES, 1968, p.28), só que, segundo a hipótese que aqui se expõe, o poeta não era Gregório e sim Pinto Brandão. Só existe um documento que atestaria a presença do poeta baiano em Angola: um *Registo do Perdão* de 9.11.1694, no qual é citado um Gregório Roiz (logo, Rodrigues) de Mattos, membro do Conselho da Câmara de Vereação de São Paulo de Assunção, ou Luanda (PERES, 1968, p.35)[13]. Poderia ser o nosso Gregório, mas parece muito estranho que tenha sido errado o sobrenome de um dos assinantes de um documento oficial; assim como fica difícil entender como Gregório teria conseguido alcançar uma posição de prestigio

[9] Principalmente, ainda que não só, de escravos: avalia-se em cerca de 113.000 o número de escravos saídos de Angola para o Brasil só nos anos 1650-1700. Cf. Alencastro, 2000, p.376.

[10] Muito interessante a observação de Alencastro – que involuntariamente corrobora a hipótese da inexistência da viagem gregoriana para Angola – sobre a presença deste texto, reportado como de autor anônimo, em alguns manuscritos da BNL de Lisboa e também citado na *História geral das guerras angolanas* de Cadornega, morto em 1690. Evidentemente Gregório não poderia ter escrito em Angola este poema, considerando que ele teria ido para a colônia africana em 1694. Cf. Alencastro, 2000, p.351-52 e 465.

[11] Excluem-se aqui as referências eventuais a Angola como lugar de desterro alheio, presentes nos poemas citados mais adiante.

[12] In BLUTEAU: "Gerebita. Palavra do Brasil. Agoa ardente, que se faz da borra, das cannas de açúcar". IV, p.62.

[13] No começo dos anos de 1630 foi presente em Angola, por exemplo, um Fernão de Mattos. Cf. ALENCASTRO, 2000, p.222.

na Colônia com tamanha rapidez, e por isso, caso realmente o Gregório Roiz seja o poeta, pelo menos ficaria muito contestável a afirmação de que ele teria sido desterrado para Angola.
[193] O desterro para Angola na época era algo relativamente comum – em vários poemas atribuídos ao próprio Gregório há explícitas referências a viagens indesejadas ou ao desterro para Angola: é o caso de alguns presos: "vos meteis co amigo Baco / ele às vezes é velhaco, / dará convosco em Angola" (MATOS, 1991, p.329); ainda, "esperai pela pancada, / que com carocha pintada / de Angola há de ser Visrei"(p.35); "Provo: todo o prazer, gosto, e alegria / que se tem do Faria deduzido, / o deu sempre a Mulher, nunca o Marido; / que ela ia para Angola, e ele não ia" (p.163); "Para esta Angola enviado / vem por força do destino / um marinheiro ao divino / ou mariola sagrado" (p.237); e assim por diante.
O desterro para um país longínquo e inóspito foi um *topos* literário e biográfico desde a antiguidade (lembremos, por exemplo, a infeliz experiência de Ovídio) e está presente até na biografia de Camões, por exemplo na versão de Pedro Mariz, publicada na edição de *Os Lusíadas* de 1613, onde se relata que, "como algũs dizẽ", Camões teria sido desterrado na Índia por causa de "por hũs amores" (MARIZ, 1613, f.5v); pensando em poetas brasileiros, não muito tempo depois da redação da *Vida* de Rabelo temos o exemplo de Tomás Antônio Gonzaga (cujo desterro, porém, está fartamente documentado). Enfim, o desterro para Angola parece ser um dos muitos *topoi*, ou melhor mitos, que compõem a biografia gregoriana, numa precisa linha de tradição da qual Rabelo se faz intérprete e reescritor.

Voltando à questão dos poemas de Gregório e de Pinto Brandão, há muitas coincidências textuais (e, mas isto na época era inevitável, temáticas e estilísticas) como a proximidade destes trechos, o primeiro, muito conhecido, de Gregório, e o segundo do poeta português:

> Sahio a satyra mà,
> e empurraraõ-me os perversos,
> porque emquanto a fazer versos
> só eu tenho geito cá:
> n'outras obras de talento
> só eu sou o asneiram;
> mas sendo satyra, entam
> só eu tenho entendimento
> (MC, 153).
>
> Pois já que nisso falamos,
> Sobre isso discorremos.
> Verás que aqui muita gente
> Diz que sou um asno em metro,
> E, havendo sátira alguma,
> Logo tenho entendimento.
> Faça-as aqui o Diabo,
> Que disso está cheio o Reino,
> Logo é autor Tomás Pinto,
> E por conseqüência Réu
> (BRANDÃO, 1976, p.44).

Há inúmeros outros casos de poemas que, apesar de contidos no *corpus* de Gregório, poderiam de fato pertencer a Pinto Brandão. Alguns códices gregorianos incluem poemas de Pinto Brandão, como é o caso do BNRJ50,60; alguns poemas de RBM (pequeno códice de 1762, publicado por PERES e LA REGINA em 2000) possivelmente devam ser atribuídos ao poeta português, como é o caso do inédito "He esta a quarta monção", que transcrevo na Apêndice 3, e cuja didascália diz "A Thomas Pinto Brandam estando prezo pelo Gov*ernad*or Antonio Luiz G*onçalve*z para o mandar para a Terra nova".
Vale, porém, a ressalva de que não estou sugerindo a identidade entre Gregório e Pinto Brandão (nem de Gregório com quem quer que seja), mas simplesmente a transferência de acontecimentos da vida de Pinto Brandão para o relato da vida gregoriana. Inclusive, é de se notar como a *Vida Sucinta* tenha sido publicada em [194] 1753, ano que podemos considerar muito próximo da data de redação da *Vida do doutor Gregório de Mattos* por Rabelo; novamente, não estou sugerindo a identidade dos dois biógrafos, mas unicamente apontando para a quase contemporaneidade, que deve ter levado inclusive à utilização de *topoi* parecidos, quando não idênticos, além de ter possibilitado algumas confusões, sobretudo no que diz respeito aos dados do poeta mais antigo.
Como escreveu Zumthor, "le texte bouge" (1981, p.12), e o movimento frenético dos textos de Gregório, ou a ele atribuídos, justifica plenamente a aplicação do conceito de *mouvance*, ou movência – como a chamou Celso

Cunha (1985; cf. também STEGAGNO PICCHIO, 1997, e LA REGINA, 1999) – às obras deste poeta e dos seus contemporâneos. No caso das biografias de Gregório e Tomás Pinto Brandão, podemos falar de contaminação, só que de uma contaminação por assim dizer biográfica, além daquela, bem mais comum, textual. Enfim, não importa, se não numa perspectiva documentária, *quem* foi a Angola e se realmente um poeta, ou os dois, ou nenhum dos dois foram à África. O que importa é remarcar a fluidez dos textos e das idéias, sua circulação, seu movimento, sua generosidade, até, no mútuo empréstimo e na utilização conjunta, na "comunidade imaginada" das letras setecentistas em língua portuguesa (e não só portuguesa), quando a idéia de nação ainda estava por vir.

4.3 Rabelos

Possivelmente fosse um anacronismo (ainda que delicioso) atribuir a Rabelo, ou melhor, aos Rabelos – conforme vimos, um por cada exemplar existente da *Vida* – a intencionalidade de criar com a *Vida* de Gregório um texto paradoxal e violentamente transgressivo como o *Quixote* de Pierre Menard, na leitura de Silviano Santiago (2000, passim). Ainda assim, podemos ler na intencionalidade de sua obra um elemento fortemente transgressivo, que é a realização da biografia de um escritor americano, e não metropolitano (vide o título da *Vida* do códice BNRJ50,59: *Vida do grande poeta americano Gregório de Mattos Guerra*), através da utilização de um instrumento textual fortemente estilizado, como a biografia, e altamente permeado de referências clássicas e tradicionais.
Rabelo funda a biografia literária no Brasil, apropriando-se do modelo português e adequando-o quase que imperceptivelmente a um autor brasileiro: nada mudou na biografia, mas tudo é diferente e, como no caso do *Quixote* de Menard, "o segundo é quase infinitamente mais rico"...

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMADO, James. Notas à margem da editoração do texto – II in MATOS. *Obra Poética*, 1990, II, p.1279-1282.

ARARIPE Júnior, T.A. *Gregório de Matos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1910, p.55.

BARBOSA, Januário da Cunha. Biografia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. In *Revista Trimestral de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico-geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, III, n. 9, 1841, págs. 267-274.

BARBOSA. *Parnaso Brasileiro*, ou colleção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas. 2 vols. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional, 1829-1831. II, p.53-61.

BARBOSA. Biografia dos brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.. in *Revista Trimestral de História e Geografia*, Rio de Janeiro: Typographia de JES.Cabral, III, n.9, abril de 1841, pp.333-337.

BARTHES, Roland. *Miti d'oggi* (*Mythologies*). Trad Lidia Lonzi. Torino: Einaudi, 1974

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino [...].* Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno 1712-1728.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del *Quijote*. *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p.47-65.

BRANDÃO, Tomás Pinto. *Este é o bom governo de Portugal*. Prefácio, leitura de textos e notas por João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América, 1976.

CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Obras poéticas de Gregório de Mattos Guerra* precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rebello. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1882. págs. V-LIII.

CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1949.

CALMON. *A vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: José Olympio / Brasília: INL, 1983.

CALVINO, Italo. Molteplicità. *Lezioni americane*. Milano: Mondadori, 1994. p.113-135.

CANFORA, Luciano. *La biblioteca scomparsa*. Palermo: Sellerio, 1986.

CANFORA. *Il copista come autore*. Palermo: Sellerio, 2002.

CONTINI, Gianfranco. La "vita" francese "di Sant'Alessio" e l'arte di publicare i testi antichi. *Breviario di ecdotica*. Milano/Napoli: Ricciardi, 1986. p.67-97.

CUNHA, Celso. A movência. *Significância e movência na poesia trovadoresca*. Questões de crítica textual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. Págs. 35-41.

CUNHA, Euclides da. Carta a Araripe Jr. *Obra completa*. 2 vols. Rio de Janeiro: Aguiar, 1966. II, p.626.

DAIN, Alphonse. Il problema della copia. In STUSSI, Alfredo (org). *La critica del testo*. Bologna: Il Mulino, 1985. p.129-150.

DAMASCENO, Darcy. Gregório de Matos: a transmissão textual. In MATOS, Gregório de. *Os melhores poemas*. Seleção de Darcy Damasceno. São Paulo: Global, 1985. p.7-12.

ESPÍNOLA, Adriano. *As artes de enganar*. Um estudo das máscaras poéticas e biográfica de Gregório de Mattos. Rio de Janeiro: Topbook, 2000.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, organizado para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por E.de Castro e Almeida, 8 vols., Rio de Janeiro: B.N., 1913.

LA REGINA, Silvia. Os códices de Gregório de Mattos. PERES, Fernando da Rocha e LA REGINA. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000. p.33-53.

LA REGINA. Gregório de Mattos e la *mouvance*. *Merope* XI, 27, giugno 1999, Pescara, Itália. págs. 139-146.

LA REGINA. Per un'edizione critica di Gregório de Mattos. In *E vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Roma: Baroni, 1999. p.405-413

LA REGINA. Os sonetos de Gregório de Mattos. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 139-155.

LIMA, Rossini Tavares de.*Gregório de Matos, o Boca do Inferno*. São Paulo: Elo, 1942.

MAAS, Paul. *Critica del testo*. Firenze: Le Monnier, 1980.

MANFIO, Diléa Zanotto. Manuscritos de Gregório de Mattos no Exterior. Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 35-44.

MARIZ, Pedro. [Vida de Camões]. In *Os Lusiadas* do Grande Luis de Camoens. Principe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S.Sebastião da Mouraria, natural da Cidade de Elvas. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613. ff. 4r-6v

MATOS, Gregório de. *Obras Poéticas*. ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882.

MATOS. *Obras de Gregório de Matos.* dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Ultima, VI, 1933).

MATOS. *Obras completas de Gregório de Matos*. Crônica do viver baiano seiscentista. Ed.James Amado. 7 vols. Salvador: Janaína, 1968.

MATOS. *Obra Poética*. Ed James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1990 (JA).

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

O Movimento academicista no Brasil, de José Aderaldo CASTELLO, no qual ocupa parte do volume III, tomo 3.

PALMA-FERREIRA, João. Prefácio. In BRANDÃO, Tomás Pinto. *Este é o bom governo de Portugal*. Prefácio, leitura de textos e notas por João Palma-Ferreira. Lisboa: Europa América, 1976. p.5-18.

PERES, Fernando da Rocha. Gregório de Mattos e Guerra em Angola. *Afro-Ásia* 6-7, jun-dez 1968. págs. 17-40.

PERES. Gregório de Mattos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*, 9, 1971a, págs. 105-114.

PERES. O Pinto novamente renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.8/9, janeiro/agosto 1971b. Págs. 215-249.

PERES. De novo o Pinto Renascido. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. N.30, maio/agosto 1982. Págs. 49-58.

PERES. *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão biográfica*, Salvador: Macunaima, 1983.

PERES (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 35-44.

PERES e LA REGINA. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000.

QUAYSON, Ato. Realismo mágico, narrativa e storia. In Franco MORETTI (org). *Il romanzo*. 5 vols. Torino: Einaudi, 2002-2003. II. Le forme. p.615-636

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 99, vol. 153. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, nas págs 7-104.

RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5 vols. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio 1953.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.9-26.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Inocêncio F.da. *Dicionário bibliográfico português, estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, 22 vols., Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SPAGGIARI, Barbara. A obra lírica de Camões e seus problemas, in SPAGGIARI, Barbara; PINILLA, Antonio Sabio; AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *O renascimento italiano e a poesia lírica de Camões*, Niterói: UDUFF/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. pp. 27-35.

SPINA, Segismundo. *Gregório de Mattos*. São Paulo: Assunção, 1946. Segunda edição: *A poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: Edusp, 1995.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camoniane. *Quaderni Portoghesi* 7-8, 1980, p. 21-111.

STEGAGNO PICCHIO. Camões/Petrarca: studio di varianti, in *Petrarca, Verona e l'Europa, Studi sul Petrarca* – 26, Padova: Antenore, 1997, pp.435-456.

STEGAGNO PICCHIO. Il mito di Camões. In *Civiltà letteraria dei paesi di espressione portoghese*. 4 vols. Firenze: Passigli, 2001. I vol: Il Portogallo dalle origini al Seicento. p.497-507.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Gregório de Matos*. São Paulo: Melhoramentos / Brasília: INL, 1977.

TOPA, Francisco. *O mapa do labirinto*. Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago/Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 2001.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira* ou colleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. 3 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1987 (I ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853).

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4ª. ed. Brasília: Editora da UnB, 1981.

WOLF, Ferdinando. *O Brasil literário*. São Paulo, 1955 (tradução da edição francesa de 1863).

ZUMTHOR, Paul. Intertextualité et mouvance. *Littérature*, 41, fév. 1981, págs. 8-16.